

CRASE

#19

Fevereiro - 2012

Ano 2 - 19ª Edição - Fevereiro - 2012



OS

Alckimistas

estão
chegando

DISQUE SAÚDE

136


Ouvidoria Geral do SUS.
www.saude.gov.br

ISSO ROLA muito.

SUS também é prevenção. Use camisinha.



ESPERAR POR ISSO não ROLA.



NA EMPOLGAÇÃO
ROLA DE TUDO, SÓ NÃO
ROLA SEM CAMISINHA.
TENHA SEMPRE A SUA.



Ministério da
Saúde

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

índice

Escolha e clique na matéria desejada.

p. 08 **Editorial**

p. 10 **MODERNIDADE OU UMA
NOVA IDADE DAS TREVAS**

Revisitando alguns temas em Blade Runner.

p. 16 **15 ANOS DE OFICINÃO COM
RITA CLEMENTE E JÔ BILAC**

Inscrições abertas para edição especial do Oficinão Residência.

p. 20 **É SÓ ROUPA?!**

Quando o que você veste é mais que uma expressão do seu estilo.

p. 24 **Os Alckimistas estão chegando**

A tragédia do Pinheirinho.

p. 32 **MEME QUER, MAL ME QUER**

Quando o desempenho se torna o caminho para a felicidade.

p. 38 **RITA LEE, AQUI E ACOLÁ**

A rainha do rock pendura os microfones, mas não perde a realeza.

p. 42 **CRASE** Flávia Seidel

CONVIDA

A analista, pesquisadora e bailarina fala sobre o suposto desenvolvimento do Brasil.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Amanda Guerra, Bruno Buhr,
Cadu Senra, Clarissa Affonseca, Deborah Pinheiro,
Leonardo Alves, Leandro Bertholini, Patricia Teles,
Renan Alves, Vanessa Vieira, Vinícius Baião

Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

FOTOGRAFIA

Editor: Diego Val

Fotógrafos: Caio Pagin, Leonardo Ferreira,
James Donahue

INTERNET

Programador: Dans Souza

CAPA

Arte: Dans Souza

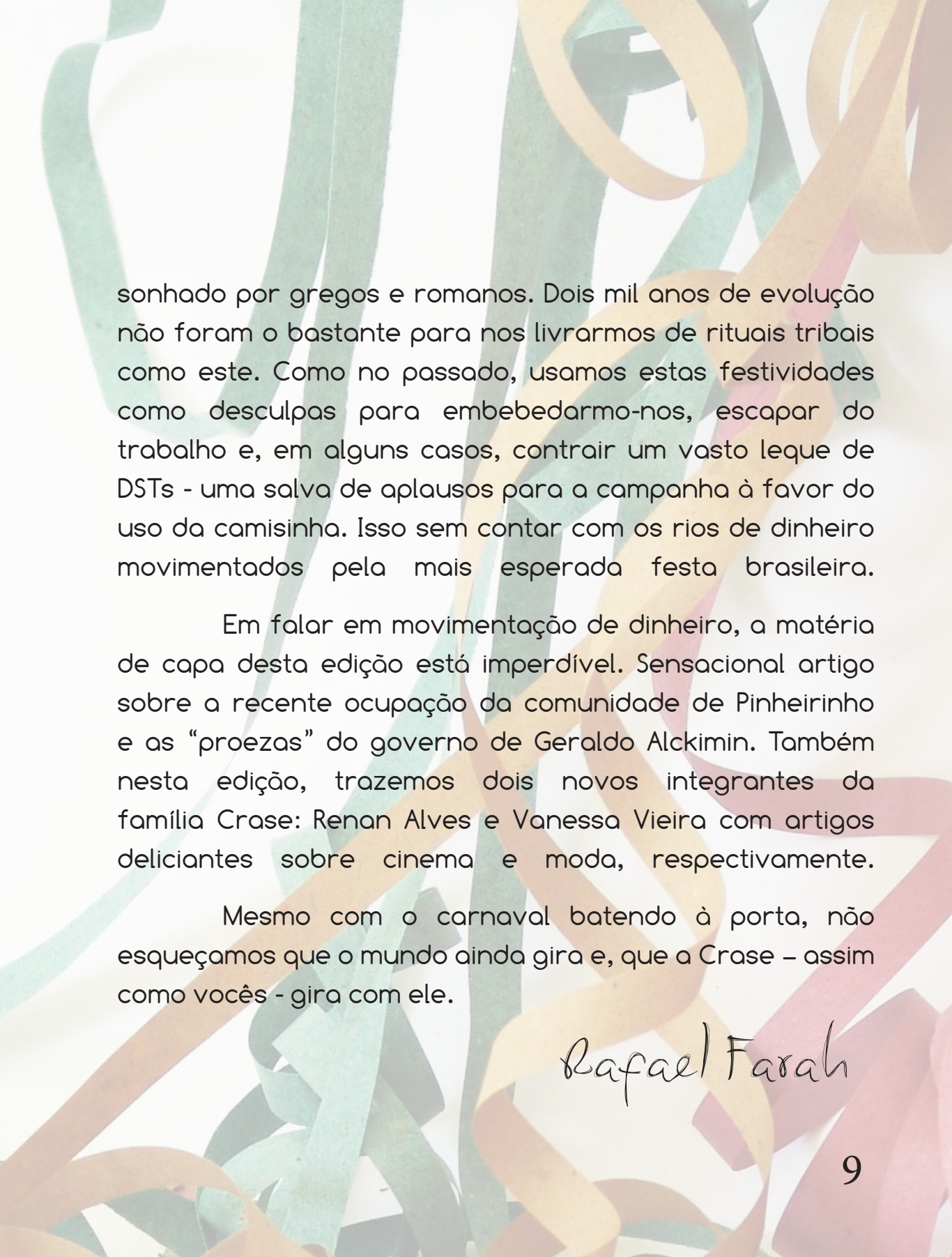


Editorial

Carnaval chegando. Na esquina, praticamente. Para alguns já até começou; milhares de foliões já foram às ruas comemorar... O quê? Alguém se lembra por que comemoramos - tanto - o carnaval? Muito maior do que admitimos, essa festa não é apenas uma ode à promiscuidade, beleza – vide a famosa bunda brasileira – e o samba, que foi implementado como hino por nós.

A tradição do carnaval começou lá atrás, na Grécia antiga e, era realizada como forma de cultuar e agradecer aos deuses. Acredite se quiser, a tradição foi adotada pela Igreja Católica aproximadamente mil anos depois, como uma forma de se “libertar da carne”. Daí o nome carnaval, que se originou do latim carne vale.

Como um enteado, adotamos as festividades como nossas - até porque podemos todos concordar que nenhum outro povo festeja tão bem quanto o nosso – e fizemos do nosso carnaval uma referência mundial. Apesar da busca por prazer ser uma marca registrada desde a Antiguidade, com o passar dos anos e a atitude hedonista do brasileiro, levamos essa procura a um patamar jamais



sonhado por gregos e romanos. Dois mil anos de evolução não foram o bastante para nos livrarmos de rituais tribais como este. Como no passado, usamos estas festividades como desculpas para embebedarmo-nos, escapar do trabalho e, em alguns casos, contrair um vasto leque de DSTs - uma salva de aplausos para a campanha à favor do uso da camisinha. Isso sem contar com os rios de dinheiro movimentados pela mais esperada festa brasileira.

Em falar em movimentação de dinheiro, a matéria de capa desta edição está imperdível. Sensacional artigo sobre a recente ocupação da comunidade de Pinheirinho e as “proezas” do governo de Geraldo Alckimin. Também nesta edição, trazemos dois novos integrantes da família Crase: Renan Alves e Vanessa Vieira com artigos deliciosos sobre cinema e moda, respectivamente.

Mesmo com o carnaval batendo à porta, não esqueçamos que o mundo ainda gira e, que a Crase – assim como vocês - gira com ele.

Rafael Farah



MODERNIDADE OU UMA NOVA IDADE DAS TREVAS

Revisitando alguns temas em Blade Runner.

por Renan Alves

Não faz muito tempo, numa madrugada qualquer em Portugal, tive a oportunidade de (re)ver este clássico do cinema sci-fi; Blade Runner, de Ridley Scott. É incrível como que este visionário filme de 1982 (baseado no romance de Philip K Dick “Do androids dream about a electrical sheep”) tange diversos níveis de críticas à modernidade e dá margem aos mais variados tipos de discussão. Dos diferentes temas que podemos identificar, o mais gritante seria a inversão dos papéis proposta por esta mesma modernidade caó-

tica. A maquinização do homem e a humanização da máquina. No enredo, uma sociedade altamente tecnológica e utilitarista, andróides que são de certa forma considerados defeituosos e ultrapassados, não servindo mais para qualquer tipo de finalidade, são caçados implacavelmente por Deckard (Harrison Ford). Por serem defeituosos, são considerados ameaça pública. Os andróides - os quais tem um tempo de vida limitado - partem para um tudo ou nada numa busca desesperada pela sobrevivência a qualquer custo.

O curioso é que cada andróide foi desenvolvido para desempenhar determinada função na sociedade (o utilitarismo presente novamente), mas um deles, interpretado pela atriz Daryl Hannah é dedicada a funções artísticas, o que é uma característica intrinsecamente humana. Rachel (Sean Young), a andróide que mantém uma espécie de relação amorosa com Deckard, também começa a despertar sentimentos tipicamente humanos como a nostalgia (de memórias não vividas), angústia e medo.

O utilitarismo radical e exagerado é fruto de uma sociedade governada pela razão téc-

nica em que vivemos. Um grande nome da filosofia moderna, o alemão Theodor Adorno, nas décadas de 30 e 40 já escrevia grandes ensaios sobre o tema. Acusava o iluminismo como precursor de uma sociedade dominada pela razão. Esse modelo de sociedade, que visava o desligamento do domínio das religiões, gerou um outro tipo de opressão, que culminou no positivismo e numa sociedade capitalista exploratória sem precedentes, onde tudo tem um valor de troca. O homem, em uma sociedade dominada pela técnica, não obtinha mais o saber para deleite, ou pelo prazer, mas sim para produzir algo. Estava alienado e



escravo do utilitarismo e até nas horas do lazer é escravo dos meios de produção. Produz a todo instante. Menos se vive, mais se produz. A consequência disto foi a perda da experiência humana. Contudo, Adorno não pode ser considerado um pessimista, pois vê uma saída para o homem e, ela está na arte. A arte

é algo perfeito diante de uma realidade imperfeita, liberta o homem dos tentáculos do sistema. Portanto a razão técnica não é absoluta e pode desaparecer. Lembremos mais uma vez da andróide interpretada por Deryl Hannah. É na actividade artística que o homem pode buscar sua libertação e ser ele mesmo.

Também vale lembrar o filme “Tempos Modernos”, interpretado por Chaplin. Um claro exemplo do homem que foi maquinizado e lobotomizado por sua função utilitarista. Apertar parafusos. Em contrapartida temos Roy Batty (Rutger Hauer), líder dos andróides em sua busca pela sobrevivência, em seu celebre discurso, quando descreve as suas visões oníricas as quais se perderam com sua morte, como lágrimas na chuva. Grande cena.

Hoje ao assistirmos o Blade Runner, conseguimos enxergar um filme que manteve um incrível dialogo não só com seu tempo, mas com toda uma modernidade degradada, assim como as ideias de Adorno, que conseguem ser transcendentais, sempre se renovando e oferecendo novas leituras. É por isso que daqui a 50 anos, em 2062, nossos netos assistirão Blade Runner e lerão Adorno. Conitnuarão sendo atuais. Como nunca foram antes.■





15 ANOS DE OFICINÃO COM RITA CLEMENTE E JÔ BILAC

Inscrições abertas para edição especial do Oficinão Residência.

por Patrícia Teles

O Galpão Cine Horto, centro cultural do Grupo Galpão, é um dos mais importantes pólos de fomento à cultura de Minas Gerais. Fundado em 1998 em um

antigo cinema no bairro do Horto em Belo Horizonte, o Galpão Cine Horto estimula a criação cênica e a formação de novos profissionais, além de apresentar em sua programação

eventos que se tornaram tradicionais na cidade, entre eles o Oficinão Residência, um projeto único no Brasil que conta com o patrocínio da Usiminas.

Uma vez por ano são selecionados 15 atores para participarem do Oficinão. O diretor pode ter seu projeto selecionado ou ser convidado. Nas primeiras edições os próprios atores do Grupo Galpão dirigiram o Oficinão. O projeto resulta na montagem de um espetáculo que fica em cartaz no teatro do Galpão Cine Horto. Contudo, o principal objetivo é a vivência dos atores com os demais profissionais envolvidos, por isso o processo dura

“Esse ano o Oficinão completa 15 anos...”

em média 10 meses, um longo período onde é possível investigar detalhadamente a linguagem que o diretor deseja utilizar na montagem.

Esse ano o Oficinão completa 15 anos e, para comemorar, o Galpão Cine Horto preparou uma edição especial. Foi convidada para dirigir a montagem, a atriz e diretora mineira Rita Clemente, indicada ao Prêmio Shell de Teatro de São Paulo em 2008 pela direção

de “Amores Surdos” do “Grupo Espanca!”. Quem assume a dramaturgia é o jovem dramaturgo carioca Jô Bilac, vencedor do Prêmio Shell de Teatro do Rio de Janeiro na categoria de melhor autor com a peça “Savana Glacial”.

Os interessados em participar da 15ª edição, podem se inscrever até o dia 23 de fevereiro. No site do Galpão Cine Horto (www.galpao-cinehorto.com.br) estão todas as informações para os candidatos. Após a triagem dos currículos, 40 atores serão selecionados para participarem da Oficina-Teste, onde ao longo de cinco dias Rita Clemente e sua equipe terão a oportunidade de

conhecer melhor os candidatos e assim escolher os 15 atores que integrarão o elenco da montagem.

Durante as 14 edições do Oficinão Residência, atores de diferentes nacionalidades e estados mudaram-se para Belo Horizonte para vivenciar essa intensa experiência teatral. Os ensaios ocorrem de segunda a sexta e, quando a estréia se aproxima há ensaios aos sábados, domingos e feriados, de acordo com a necessidade do diretor. Os atores participam gratuitamente do Oficinão e recebem uma pequena porcentagem da bilheteria quando a montagem entra em temporada. Até hoje o espetáculo que



mais se destacou no Oficinão foi “Quando o Peixe Salta” de 2006; dirigida por Rodrigo Campos e Fernando Mencarelli, recebeu 4 prêmios Usiminas/Sinparc, entre eles o de melhor espetáculo adulto.

Assim como o Oficinão, o Galpão Cine Horto também aniversaria em 2012. Porém, o principal presente para o centro cultural está previsto para 2014. Após um acordo com o governador

de Minas Gerais, Antônio Anastasia, o Galpão receberá uma nova sede; o antigo cinema será trocado por uma instalação mais moderna, um prédio de quatro andares com arquitetura sustentável, teatro com capacidade para 400 pessoas, estacionamento, salas de ensaio, entre outros. A nova sede será construída no bairro da Esplanada e permitirá que o Galpão amplie suas ações culturais na cidade. ■



É SÓ ROUPA?!

Quando o que você veste é mais que uma expressão do seu estilo.

por Vanessa Vieira

Algo que passa aparentemente despercebido pela nossa rotina é a relação entre as roupas e as crenças, celebrações e ocasiões sociais. Por mais displi-

cente que seja a sua relação com o vestuário e a moda, por mais fútil que ache tudo o que vem desse meio, por mais que você não siga tendências, não acompanhe as semanas

de moda e não entenda completamente a fascinação das pessoas com uma simples peça de roupa ou adereço, estamos todos ligando roupas com diversos rituais. A história nos condiciona a isso, está enraizado nos princípios da sociedade. Parece exagero, mas não é.

Há pouco mais de um mês, passamos por um desses rituais, o Ano Novo. Do cara cético àquela sua tia mais apegada em simpatias, todo mundo se preocupa em ter uma roupa nova, um chinelo novo. O importante é estar vestido para o que a situação representa: estar novo para o novo que vem por aí.

“Em cada corte, existe uma história, um crença...”

Essa relação passa do mais raso ao mais profundo: o kipá, o hijab, o rakusu, as vestes sacerdotais não são nada além de peças de roupa que simbolizam aspectos religiosos, passando uma mensagem para além dos limites religiosos. Em todo lugar, há pessoas usando o que vestem para comunicar o que pensam, o que acreditam, o que querem pra si. É a auto afirmação que passa do estilo para algo mais denso. Querer que o mundo mais que

apenas veja, mas entenda o que acontece com você.

Não estamos falando de dress code. Ele serve para te dizer como se vestir em determinada ocasião. Aparência física. Algo banal. Um livrinho de regras e só. É certo que, às vezes, o dress code e a tradição se confundem, mas podem ter leituras simbólicas também, como o branco da noiva e o preto do luto. Também não estamos falando de estilo, embora o próprio estilo seja a exteriorização de várias convicções pessoais, mas ainda estamos um passo adiante nesse tema.

Assim, podemos pensar com mais atenção

o que se passa no mundo da moda, que está dentro de uma cerca fora destas questões tão profundas: os estilistas buscam inspirações de diversas naturezas, para comunicar o que pensam, com tanta convicção quanto quem passa o ano novo chinês vestido com um qipao porque acredita no que aquilo representa.

Se quem não vive neste meio já tem uma relação ritualística com a roupa (por mais que não perceba), imagine quem vive, respira e trabalha com moda? O que acontece ali, criar uma história para desenvolver uma coleção, já é um ritual muito pessoal e cheio de convicções.



Mas não faz sentido espiritualizar a moda. O intuito é mostrar que, talvez, não seja só roupa. Porque, sim, no meio da loucura de egos, carões e discussões que existem sobre essa real importância das roupas e da moda e, querendo desfazer esta confusão, colocando na cabeça que “é só roupa”, não é só isso. Não pode ser só isso. E se, como há quem diga, uma peça de roupa é uma obra de arte? E a arte, por defi-

nição ser uma manifestação estética de emoções e ideias, que visam atingir e estimular o indivíduo com seu significado?

Em cada corte, existe uma história, um crença, um desejo de estabelecer uma ligação com a essência daquele criador. E é isso que todos nós queremos, não é? Comunicar e sermos compreendidos de verdade. E você achando que era só um monte de botões, panos e linhas, hein? ■



Os Alckimistas estão chegando

A tragédia do Pinheirinho.

por Bruno Buhr

Dia 22 de janeiro, Estado de São Paulo, São José dos Campos, comunidade do Pinheirinho. O que se pôde acompanhar através da cobertura dos grandes veículos foi a desocupação e remoção violenta dos moradores de tal localidade afim de reestabelecer a ordem e impor a lei em um local onde aparentemente esta não vigorava.

No entanto olhando com lentes um pouco mais ajustadas aos fatos, despídos do véu de demagogia e cinismo político com que se tenta encobrir a barbárie estatal, pode-se observar que

imperava uma unilateralidade constitucional nesta terra de Vera Cruz. Isto porque se percebe que os direitos e garantias fundamentais em inúmeros casos correm em uma via de mão única em direção aos bolsos fartos, assim como as restrições penais percorrem o caminho inverso numa avenida expressa em direção à pobreza.

Depois do poder executivo local ter atingido seu objetivo de desalojar brutalmente mais de 1.500 famílias deixando-as em condições animais e flutuando desprotegidas em um mar de incertezas, o governador



Exército dos Desvalidos

Geraldo Alckimin apresentou uma declaração que dava a entender que a desocupação havia sido um sucesso graças ao planejamento minucioso e ação pacífica da polícia militar. Em contrapartida é notório que a simples e suja negativa

não é capaz de desconstituir os fatos, mais do que documentados da tragédia humanitária que se abateu sobre a Comunidade do Pinheirinho.

Neste jogo de empurra a presidenta Dilma chegou a assumir

a postura mecânica e de espírito estéril, mas ficou por aí, o PT se calou e preferiu ficar em cima do muro a perder os votos do eleitorado que pende para a direita.

“Existem no Brasil cerca de 200 ocupações como as do Pinheirinho...”

A notícia das violações dos direitos e a dignidade destas pessoas, embora não tenham ganhado nada mais do que pequenas notas de pesar tanto de representantes das três esferas de poder estatal como dos gran-

des telejornais, chegou ao conhecimento da OEA (Organização dos Estados Americanos) através da iniciativa orquestrada por Fábio Konder que contou com o apoio de outros tantos juristas brasileiros.

O governo de Geraldo Alckimin vem de modo obtuso instaurando uma espécie de governo onde os conflitos que envolvem questões relativas à pobreza são resolvidos através da força policial, dando azo ao ressurgimento da situação facista e do fortalecimento do “poder policial”.

O direito à propriedade só existe atrelado ao cumprimento da



função social, porém no caso em tela o terreno colossal que abrigava a comunidade do Pinheirinho estava improdutivo, à mercê apenas da especulação imobiliária. Em 2004 a tal área começou a ser ocupada, fazendo valer a garantia constitucional à moradia disposta no artigo 6º da Carta Magna.

É evidente que a justiça se baseia no equilíbrio decorrente do sopesamento de direitos. Todavia, a balança, símbolo da equidade e justiça parece ter sido adulterada em prejuízo dos moradores da comunidade. O fato é que o despejo das quase 7.000 pessoas que habitavam o terreno ocor-

reu mediante inúmeros assaltos aos direitos humanos, entre absurdos e aberrações processuais e constitucionais.

É este paradigma de ordem que se deseja? Onde o direito constitucional à moradia de mais de 1.5 mil famílias é preterido em razão da satisfação de direitos civis patrimoniais em prol dos créditos da administração pública contra a massa falida de uma empresa de propriedade de um conhecido estelionatário? É assim que se deseja tratar a questão da pobreza neste país? Afastando da vista, escondendo e varrendo pra debaixo do tapete a cruel e inevitável conclu-

são do fracasso das políticas públicas no Brasil que empurram milhares de cidadãos rumo ao abismo da miséria, da necessidade e do subemprego; para que depois estes mesmos cidadãos recebam um tratamento bestial e brutal, que os fere com a chaga da diferença.

De acordo com levantamento feito pelo ministério das cidades, existem no Brasil cerca de 200 ocupações como as do Pinheirinho. Será o prenúncio de outras violações dos direitos humanos e estraçalhamento da legalidade?

O Rio de Janeiro já sofreu do mesmo problema na primeira década

do sec. XX, a famosa reforma do “bota abaixo” que sob o pretexto de uma reformulação do espaço urbano de cunho sanitaria e afim de promover o embelezamento da cidade, removeu a suposta feiura dos Cortiços do centro da cidade para áreas inóspitas do então distrito federal.

E assim a pobreza sempre foi enxotada de um canto ruim para outro

pior, sempre que um interesse escuso e egoísta se manifestava. Foi assim na reforma Pereira Passos, no Rio de Janeiro em 1906 e está sendo assim na comunidade do Pinheirinho, em São Paulo em 2012. Trágico que em 100 anos a tecnologia evoluiu, alguns conceitos sociais, evidentemente evoluíram, mas as paixões que cegam nossos governantes pertencem aos tempos da caverna. ■





MEME QUER MAL ME QUER

Quando o desempenho se torna
o caminho para a felicidade.

por Leonardo Alves de Lima

A procura pelo melhor desempenho aliado ao vácuo ideológico deixado pelo último século vem apresentando como resultado, a falta de um ganho social significativo em meio a um tsunami de repetições e pelo furacão de imitações que vão à contra mão da demanda real, ou seja, a busca por novos processos inventivos que definirão esta década.

Diante da ameaça nazista, a figura do “pai” despontou como porto seguro e esperança para uma Inglaterra bombardeada e sob risco de invasão. Churchill, aquele senhor vestindo terno perfeitamente alinhado, gravata borboleta

e fazendo o “v” da vitória não só inspirou como influenciou o comportamento de uma geração que soube manter as aparências mesmo diante da ruína. Quanto ao comportamento eram ouvintes. Davam ouvidos ao pai, a BBC através do rádio que em lugar de destaque na sala de estar reunia toda a família, e aos sermões do Billy Graham.

Não à toa, na década seguinte a figura imaculada do pai foi substituída pelo líder carismático, as aparências deram lugar à rebeldia e de ouvintes passivos os jovens passaram a sujeitos ativos na busca por suas respostas, e foi justamente esta busca que

propiciou a formação da chamada ‘ansiedade global’. Ou seja, aquilo que todos querem mesmo sem saber exatamente o que é, marca importante da sociedade de consumo. Na década de 1980 esta ansiedade estava representada pela ambição. O modelo a ser seguido era aquele capaz de responder a pergunta: Eu quero vencer como? O herói não era o pai, não era o líder carismático e sim o vencedor. A ostentação era a vitrine da vida, no mais puro estilo Miami Vice. Produzia-se para ganhar dinheiro sem preocupação com a religião, cada vez menos legitimada.

Foi a “ideologia”, quem melhor respondeu

àquela pergunta e diante de capitalistas e comunistas o mundo girou. Mas toda esta ansiedade é abstrata, volúvel. A queda do muro de Berlim em 1989 marcou o fim das ideologias e, por conseguinte, do próprio século XX, o que ficou imortalizado na voz de Cazusa: “(...) ideologia, eu quero uma pra viver”. Este grande vácuo ideológico nos deixou órfãos, talvez uma das razões pelas quais sucumbimos tão fragilmente a parvoíces como as da guerra contra o terror empreendida por líderes igualmente parvos, isto já no nosso tempo.

O indivíduo deixou suas crenças para se tornar o que? Bento XVI



em Sidney na 23ª Jornada Mundial da Juventude: “Não vos deixeis enganar por quantos vos olham como meros consumidores num mercado de possibilidades indiferenciadas, onde a escolha em si mesma se torna o bem.” Nas palavras do Pontífice,

nos tornamos um pacote de preferências onde a escolha da marca é o que confere valor individual.

Neste universo de preferências, o desempenho faz a diferença. Numa época onde todos parecem ansiar por felici-

dade, a pergunta é: Quem sou eu? Quem responde? A performance. Não importa se bom ou ruim, se cool ou ridículo, quão melhor a performance, mais clicado, mais repetido, mais tuitado, mais curtido, compartilhado, seja a gargalhada de um bebê, a propaganda de um automóvel, a frase em um comercial de empreendimento imobiliário. A vida se tornou “meme”

É difícil definir qual a tendência desta década, o que é possível dizer é que se faz necessário a presença da chamada minoria criativa. Aqueles que através de processos de ruptura apontarão o futuro. Para estes o valor individual não está no consumo, enxergam as avenidas digitais como ferramenta para o autoconhecimento e expressam-se na vanguarda do comportamento sem se importar com o desempenho



ou performance, pois são vistos como apre-
lidade está no conte-
superfície. Relaciona-
vamente, opinam, esc



s erros e acertos
ndizado e a qua-
údo ao invés da
m-se colaborati-
crevem e pensam

na contra mão das vias oficiais. No universo do besteiro, o siga-me que interessa não está no Canadá, não pode ser imitado e está por aí, entre nós. Só precisamos encontrá-lo. ■



ROCK

RITA LEE, AQUI E ACOLÁ

A rainha do rock pendura os microfones, mas não perde a realeza.

por Cadu Senra

O ano de 2012 mal começou, mas o cenário musical brasileiro já sofreu sua primeira baixa: Rita Lee, a rainha ruiva do Rock N' Roll, anunciou sua aposentadoria dos palcos no último

mês, alegando sofrer de severa debilidade física após seus concertos. Entretanto, Lee tratou de deixar claro, para alívio de seus fãs, que o afastamento se restringirá aos palcos, e que não signi-

ficaria, em absoluto, o fim de sua carreira. Ela ainda aproveitou para dizer que, agora que não fará mais shows, acabaria se tornando uma “rata-de-estúdio”, pois garante que pretende passar longas horas no ambiente, gravando novos projetos.

Desde o início da carreira, Rita já demonstrava a predestinação e irreverência que a tornaria uma referência da música mundial. Sem apelar para sua bela e exótica aparência – cabelos lisos cor de fogo, pele branca como neve e olhos levemente puxados -, ela se valia de seus muitos talentos para se destacar. Além de ser poliglota – fala quatro línguas

fluentemente -, a menina que contava apenas com 19 anos quando se juntou à sua primeira banda, “Os Mutantes”, em 1966, era também multi-instrumentista, dominando fora os vocais; a guitarra; a flauta; o banjo; sintetizadores e instrumentos de percussão.

“Sua influência foi fundamental para o rock brasileiro...”

Sua banda participou dos primeiros trabalhos da tropicália de Gil e Caetano, tendo feito parceria com ambos em diversas músicas, como “Panis Et Circenses”, que contém

alto teor anti ditatorial. Ao sair do grupo por motivos até hoje controversos – ela foi casada com o companheiro de banda Arnaldo Baptista -, Rita Lee já era uma cantora consagrada, e continuou sua carreira tocando com a banda de apoio “Tutti-Frutti” durante grande parte da segunda metade dos anos 70.

Sua influencia na música foi fundamental para o rock brasileiro, pois a cantora foi uma das primeiras entusiastas das guitarras elétricas sendo utilizadas por mulheres, antes mesmo de Joan Jett e as “Runways” estourarem com seu punk-rock feminista em 1975. E falando em feminismo,

suas letras estão longe de serem consideradas comportadas, falando de amor e sexo de uma forma natural, sem maiores pudores, sempre deixando em evidência a sua posição a favor da independência feminina

Como não podia ser diferente, a despedida definitiva da diva do rock dos palcos foi no festival Verão Sergipe da forma mais apoteótica possível. Teve direito a um repertório cheio de sucessos, confusão e um discurso inflamado, que culminou na prisão da ex-mutante ao término do espetáculo. Isso se deu devido a uma ação da Polícia Sergipana realizada durante o show, em que

os policias começaram a revistar pessoas da plateia à procura de drogas. Rita achou a operação invasiva e descabida, e acabou, sem papas na língua, defendendo seu público de um jeito bem pessoal e autêntico, onde acabou se excedendo ao chamar de “cachorros” os responsáveis pelo policiamento. O governo de Sergio já retirou as queixas, em uma sensata decisão.

A CRASE agradece à Rita Lee por sua contribuição à música brasileira, e deseja que, agora em estúdio, seu trabalho continue a todo vapor, nos proporcionando a música de qualidade que sempre produziu, apesar de sabermos que para ela; nada é melhor do que não fazer nada, só para deitar e rolar com Roberto de Carvalho, seu guitarrista e marido. ■





Flávia Seidel tem 30 anos, mora no Rio de Janeiro, é Analista Internacional, pesquisadora no Laboratório de Estudos do Tempo Presente da UFRJ e Professora de Ballet Clássico.

Outra vez, a ladainha da educação

Passei alguns anos da minha vida me incomodando com um email recebido inúmeras vezes, em que, supostamente, uma holandesa maravilhada com esta terra, fazia várias citações incitando-nos, brasileiros, a nos orgulhar do Brasil e de tudo que ele nos tem a oferecer.

Se uma estrangeira assim o pensa, porque não nós? Valorizemos o que temos! Obviamente aquele email amplamente circulado foi apenas um grãozinho de orgu-

lho que já enche o peito dos brasileiros. Quando eu era pequena, tínhamos o maior estádio de futebol do mundo, o melhor jogador de futebol do mundo, a maior floresta do mundo. Hoje o povo mais inculto ainda opina e tem remota ideia de alguma notícia sobre o governo, ou até do exterior, e de fato o Brasil, pelo menos, projetou-se internacionalmente de maneira impensada há 20 anos.

Mas basta de histórias! Este é o título do livro do jornalista argentino Andrés Oppenheimer, no qual ele cita o conselho dado por Bill Gates aos países latino-americanos durante uma conversa: que os latino-americanos precisam ter humildade. Têm orgulho sobrando. E orgulhosos do status quo, nada mudam. O fato é que, devemos reconhecer as limitações de nossos países e a falta de capital humano e intelectual para concorrer com os Estados mais desenvolvidos e com as grandes economias do planeta. Este reconhecimento é vital e o primeiro passo rumo ao desenvolvimento concreto.

É certo que o Brasil está entre os países que mais crescem economicamente em todo o mundo. Desde a ascensão de Lula ao poder, as políticas emergenciais para a inclusão dos marginalizados e mais pobres à economia formal e a um menos cruel padrão de vida, proporcionados, por exemplo, pelos Progra-

mas Fome Zero e o Bolsa Família são patentes. Outro destaque para a condição interessante do país foi sua inserção no tabuleiro de negociações internacionais, mediante participação no G20 e a política cooperativa dos BRICS. Ah! Você tá dizendo que isso é pouco? Claro que não! Mas não pode ser o bastante.

Devido à pouca sensibilidade dos meios de produção no Brasil à crise financeira mundial de 2008, temos a impressão de que estamos muito bem quando comparados a outros países do mundo. Mas a realidade é que a parcial imunidade econômica do país ainda não produz desenvolvimento coletivo.

A ideia de que as mazelas sociais no Brasil serão solucionadas com crescimento econômico é totalmente equivocada. Crescimento econômico não necessariamente gera desenvolvimento. O mesmo pressupõe primordialmente educação formal com qualidade para todas as etnias, credos e classes sociais, com dificuldades sanadas nos primeiros anos de escolaridade, um ensino médio impecável e ensinos técnico e universitário competitivos a ponto de se parearem aos

dos países mais desenvolvidos do globo terrestre. O Brasil atualmente, nem no futebol pode se declarar competitivo perante outros países do mundo.

É muito fácil pra quem produz intelectualmente ou conhece alguém que produz conhecimento, dizer que o Brasil tem sim representação no exterior. Mas, aqueles que adentram o âmago da realidade brasileira e se deparam com as piores condições educacionais do mundo, com uma população que, emparelhada aos demais países latino americanos possui em média 7 anos de escolaridade, distribuídos em torno de 5 horas por dia, durante no máximo 200 dias de estudo por ano, sabem do que eu estou falando.

Ainda estamos muito aquém do que um país pode fazer para estar páreo aos que nos inspiram, não só a crescer, mas a desenvolver coletivamente.

Flávia Seidel

CRASE